

USOS DOS LIVROS COMO FONTE NAS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS LIMITES E POSSIBILIDADES

Andreza Fernanda Pereira

Licenciatura em Pedagogia

Universidade Federal de São Paulo – Unifesp, Guarulhos, SP, Brasil.

andreza.fernanda@unifesp.br

Reginaldo Virginio da Silva Filho

Licenciatura em Pedagogia

Universidade Federal de São Paulo – Unifesp, Guarulhos, SP, Brasil.

reginaldo.virginio@unifesp.br

Resumo

Este artigo se ocupa da discussão sobre o lugar que os livros podem ocupar como fonte nas pesquisas em Educação partindo das pesquisas realizadas pelos autores. Para isso, debruça-se sobre trabalhos que abordam questões epistemológicas e metodológicas das investigações realizadas nesta área, além de se valer de trabalhos da história da escrita e da leitura para chegar ao conceito de “livro”. Neste trabalho, foi necessário diferenciar os diferentes usos feitos dos livros, destacando a distinção entre objeto, manual e fonte de pesquisa. Por meio da apresentação da utilização destes documentos como fontes em pesquisas que tratavam de questões de gênero na escola e da reconstrução histórica de práticas docentes, chega-se à conclusão de que os livros se constituem como poderosos instrumentos para a compreensão do fenômeno estudado, porém este deve estar alinhado aos objetos e objetivos da pesquisa para ser aproveitado corretamente.

Palavras-chave: Metodologia da pesquisa em Educação; Gênero na escola; Literatura infantil; História das Disciplinas Escolares.

USES OF BOOKS AS A SOURCE IN EDUCATION RESEARCH: some considerations on the limits and possibilities

Abstract

This article discusses the role of books as sources in education research based on the authors' research. To this end, the article focuses on works that address the epistemological and methodological questions of research in this field. Additionally, it uses works on the history of writing and reading to develop the concept of the "book." This work required differentiating the various uses of books, emphasizing the distinction between an object, a manual, and a research source. Based on the presentation of these documents as sources in research on

gender issues in schools and the historical reconstruction of teaching practices, we conclude that books are powerful instruments for understanding the phenomena under study, provided they align with the research objects and objectives.

Keywords: Research methodology in Education; Gender in school; Children's literature; History of School Subjects.

¿Por qué nos inquieta que Don Quijote sea lector del Quijote, y Hamlet, espectador de Hamlet? Creo haber dado con la causa: tales inversiones sugieren que si los caracteres de una ficción pueden ser lectores o espectadores, nosotros, sus lectores o espectadores, podemos ser ficticios.

(Borges, *Magias Parciales del Quijote*)

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho, fruto de discussões realizadas no desenvolvimento de projetos na área da Educação, propõe-se a refletir sobre o lugar que os livros ocupam como fonte nos trabalhos realizados, destacando alguns desafios e potencialidades encontradas no trato com estes documentos. Especificamente, este artigo versa sobre pesquisas nos campos da Sociologia da Educação e da História da Educação.

Desde logo, faz-se necessário delimitar o que pretendem as reflexões que se seguem. Claro está que a presença dos livros em qualquer pesquisa na área das Humanidades é indispensável e não é nosso objetivo, neste trabalho, engrossar as fileiras dos defensores do alinhamento, respeitando as suas especificidades, das Ciências Humanas às Ciências Naturais, no que diz respeito ao rigor nos procedimentos e fundamentos das pesquisas (André, 2001; El Far; Hikiji, 1998). Referimo-nos aqui não aos referenciais teóricos-metodológicos encontrados em publicações de referência, mas sim aos usos do livro como fonte primária para conhecermos os fenômenos estudados.

Ainda nesta perspectiva, é preciso outra distinção e que diz respeito ao objeto de estudo. Concordando com Borba e Valdemarin (2010), tem-se que, para a realização de seu trabalho, o pesquisador *deve construir* o seu objeto de pesquisa. Daí depreende-se duas constatações: a primeira é que a realidade na qual o pesquisador opera não é aquela que se apresenta aos sentidos, empírica, e sim uma realidade teórica, construída por meio dos aportes

teóricos e metodológicos do campo científico no qual a investigação é realizada; a segunda se refere ao sujeito que realiza a pesquisa, que também é teórico, ou seja, um sujeito investido, sócio-historicamente, de construções teóricas (Borba; Valdemarin, 2010).

Desse modo destacamos, também, que os livros não são utilizados como objetos de estudo, apesar de tomarmos elaborações teóricas sobre o livro, a sua caracterização e uso nas pesquisas. Busca-se, reiterando o que foi dito anteriormente, por meio deles, construir e compreender a realidade e/ou fenômeno que analisamos. Dito de outra forma, o desenvolvimento deste texto se dará na apresentação de discussões presentes no campo da Educação, que temos encontrado na realização de nossos projetos de pesquisa, sobre a utilização dos livros para a compreensão do fenômeno educativo e das construções, sempre históricas, sobre e que influem na materialização deste.

2 O LIVRO E SEU USO COMO FONTE EM EDUCAÇÃO

Para iniciarmos a discussão é premente a apresentação do que nos referimos quando falamos em livro. Termo polissêmico e, ao mesmo tempo, assêmico, o que o conceito “livro” encerra diz respeito à forma como um ou vários textos são organizados e como é pensada a sua distribuição (Chartier, 1998; 2002b). Evidentemente, os modos de organização e distribuição se alteram com o tempo de sorte que se na Antiguidade os textos eram reproduzidos em rolos, passando para os códices entre os séculos II e IV, ganhando volume na sua produção depois da prensa mecânica no século XV e chegando aos dias atuais com os textos eletrônicos (Chartier 1998; 2002b), nenhuma destas maneiras descaracteriza o produto final: são todos livros.

O conteúdo presente nos livros também se modifica, sendo que somente nos séculos XIV e XV surgem os “livros unitários”, que possuíam textos de um único autor, elaborados em língua vulgar — em contraposição às obras em latim e de “autoridades canônicas antigas e cristãs” (Chartier, 2002b, p. 22). Percebe-se, enfim, que o conceito “livro” é utilizado para designar “ao mesmo tempo um objeto material e uma obra intelectual ou estética identificada pelo nome de seu autor, como para a percepção da cultura escrita e impressa que se baseia em diferenças imediatamente visíveis entre os objetos (cartas, documentos, diários, livros etc.)” (Chartier, 2002b, p. 22).

Entretanto, muito além da relação autor-ideia, o livro, na sua produção e distribuição, é mediado por uma série de fatores que garantem a sua realização: “se o corpo do livro é o

produto do trabalho feito pelos impressores ou pelos encadernadores, a criação de sua alma não envolve apenas a invenção do autor. A alma é moldada também pelos tipógrafos, editores ou revisores, que se encarregam da pontuação, da ortografia ou do *lay-out* do texto” (Chartier, 2002b, p. 38). Essa multiplicidade de compositores disfarça, à sua maneira, alguns dos sentidos que podem ser atribuídos a um livro, como as censuras, positivas e negativas, presentes nos textos¹ e a organização e escrita do conteúdo originalmente proposto pelo autor.

A análise destes textos ainda passa, salvo raras exceções e finalidades, pelas relações que estes estabelecem com o público leitor.

A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados [...]. Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum — ou ao menos totalmente — o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores. Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor (Chartier, 1998, p. 77).

Apesar de falar desde um ponto de vista histórico, as análises de Chartier são valiosas para a compreensão dos trabalhos conduzidos pelas pesquisas em Educação que também se debruçam, com as suas especificidades e objetivos, sobre a produção e uso dos livros em contextos que influem, direta ou indiretamente, no fenômeno educativo. O uso dos livros para estas pesquisas apresenta-se como um frutífero dispositivo analítico para indagações sobre a sociedade, no geral, e a escola, em específico; já que os livros, artefatos socioculturais, podem ser utilizados como importante fonte e ferramenta para ampliar a percepção do contexto social e histórico no qual os indivíduos estão inseridos.

Dessa forma estudos sobre a construção de identidades por crianças (Bento, 2012), sobre a profissão docente, sua formação, especificidade e condição (Dionísio; Munakata; Razzini, 2002), sobre a cultura e as disciplinas escolares (Julia, 2001; Chervel, 1990), entre outras áreas da pesquisa em Educação, se beneficiam dos usos do livro como fonte em suas investigações — quando estes não são indispensáveis para a realização destes trabalhos.

Porém, nos debrucemos sobre os aspectos metodológicos da pesquisa em Educação, a fim de compreender como os livros aí se inserem. São bastante diversos os textos de caráter bibliográfico que se ocupam em fornecer orientações para a elaboração de projetos e desenvolvimento de pesquisas nos campos das Ciências Humanas. Estes abrangem desde a

¹ Nos referimos aqui tanto a textos que são censurados e modificados pelos editores e revisores, quanto às ideias que sequer chegam a ser escritas, ou publicadas, devido ao controle exercido pelos organizadores e distribuidores da obra em um determinado contexto político e histórico.

classificação de procedimentos metodológicos, que caracterizam a pesquisa a ser realizada (Gil, 2002; Pesce; Barsottini, 2012), até os fundamentos e orientações de condução do projeto (Laville; Dionne, 1999; Lakatos; Marconi, 2003). Apesar desta diversidade, podemos sintetizar que todos eles têm por objetivo tornar mais sólidos os contornos que delimitam as pesquisas nessas áreas, uma vez que o próprio ato de pesquisar é alvo das investigações conduzidas por elas (Borba; Valdemarin, 2010).

Para além dos fins de classificação, é possível discriminar nestes “manuais” o uso dos livros como um — ou mais um — elemento a ser considerado nas análises a serem feitas durante a pesquisa, independentemente se ela é ou não bibliográfica — e isso é mais ou menos evidente — ou tenha a análise documental como um dos eixos norteadores do projeto. Nesse sentido, ao relacionar, por exemplo, a presença de livros, ou o hábito de leitura de um determinado objeto de pesquisa², com as práticas observadas durante uma pesquisa participante, o pesquisador poderia inicialmente induzir uma hipótese sobre o lugar ocupado por esta fonte no contexto geral analisado e aprofundar, dentro de seu próprio trabalho, o caminho aberto por esta constatação, ou indicar uma nova possibilidade de investigação para trabalhos futuros.

No entanto, como é possível notar, a caracterização do uso dos livros numa pesquisa só ficará bem definida quando outros fundamentos dela já estiverem bem postos, como o objeto e os objetivos. Nas próximas seções iremos nos deter à apresentação da utilização que fizemos dos livros nas pesquisas que conduzimos. O que podemos fazer aqui para ensaiar um encerramento da discussão aberta há dois parágrafos é defender que os livros, assim como qualquer outro elemento presente no fenômeno educativo, possuem o seu lugar nas pesquisas que centram as suas investigações nestes espaços, pois eles influenciam, direta e indiretamente, nas ações realizadas na escola, se não como um fator determinante, certamente, como um elemento constitutivo desse processo.

3 O LIVRO E A PESQUISA EM SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Como fonte de investigação no âmbito da Sociologia da Educação, os livros foram utilizados como base para uma investigação sobre gênero e literatura infantil. *A priori*, consideramos o presente contexto social para enfatizar a relevância do tema desenvolvido. As

² Ao falar de objeto de pesquisa aqui, nos referimos tanto a um determinado conceito ou vaga pedagógica, por exemplo, quanto a uma professora, uma turma, escola etc., sem, no entanto, depreciar de forma alguma os sujeitos que participam do processo de conhecimento (Borba; Valdemarin, 2010).

recentes pesquisas têm apontado que o Brasil está vivendo nos últimos anos uma onda conservadora, que tem gerado prejuízos no campo dos Direitos Humanos e, em particular, no campo dos direitos à diversidade de gênero, levando ao amedrontamento da população frente às discussões que envolvem o tema.

Assim, com a pesquisa que desenvolvemos, buscamos discutir as possibilidades de inserção do debate sobre gênero com crianças pequenas. Para garantir os objetivos almejados para o desenvolvimento das investigações, foi utilizado como referencial teórico-metodológico estudos que abordam questões de gênero na Educação Infantil. Também utilizamos a conceituação de gênero à luz de Scott (1995).

Scott (1995), ao falar de gênero, refere-se ao discurso das diferenças dos sexos. Essa diferença é percebida pela delimitação social da ordem dicotômica que separa meninos e meninas em polos que não devem se entrecruzar, garantindo a constância da divisão delimitada entre os gêneros, evidenciando como ele é uma importante “forma primária de dar significado às relações de poder” (Scott, 1995, p. 86).

Já os discursos sobre a “ideologia de gênero” dificultam a abordagem do tema, uma vez que se apoiam em agendas morais e familiares para alarmar e construir um sentido pejorativo nas discussões. Pois tais discursos constituem “desinformações que promovem intimidações, pânico moral e incitam movimentos antigênero” (Arruda; Finco, 2023, p. 2).

Consideramos, assim, que podemos “reconhecer a literatura infantil não sexista como ferramenta privilegiada para discutir com as crianças as transformações nos valores da nossa sociedade atualmente” (Finco; Seveso, 2018, p. 217). A partir do cenário social do país em que temas como diversidade, sexualidade e gênero têm passado por censuras e controvérsias, compreendemos a necessidade de voltar nosso olhar às literaturas antixistas como possibilidade de inserção dessas temáticas, já que “ler livros que apresentam diferentes formas de pertencimento pode ser muito útil para expandir as diferentes possibilidades relacionadas ao gênero, possibilitando a reflexão sobre estereótipos de gênero” (Finco; Seveso, 2018, p. 207).

Em nossa pesquisa, buscamos utilizar a literatura infantil como possibilidade de abordar e impulsionar a construção de uma Pedagogia que respeite a pluralidade para desconstruir a visão binária de gênero e o pânico moral, a qual a temática está envolta, despertando subsídios para compreender as possibilidades da literatura infantil como meio de inserção da temática de gênero com as crianças pequenas.

A pesquisadora Xavier Filha (2014), em um de seus artigos sobre livros infantis e gênero, enfatiza que “os livros educam, instigam o próprio sujeito leitor a se questionar e a se gerir” (Xavier Filha, 2014, p. 161). A autora ainda toma os livros infantis como importantes artefatos culturais que produzem significados e ensinam determinadas condutas para a infância. No que se refere a gênero, a conduta ensinada às crianças vem a estabelecer a meninos e meninas “a forma ‘adequada’ e ‘normal’ de viver a sexualidade, a feminilidade ou a masculinidade” (Xavier Filha, 2014, p. 155).

Botton e Neves Strey (2015), ao refletirem sobre a literatura infantil, enfatizam que além de auxiliar no desenvolvimento cognitivo infantil, os livros também são “um dispositivo capaz de favorecer a incisão das ideias e opiniões ali contidas, bem como a consolidação das mesmas como regras que precisam ser seguidas à risca” (Botton; Neves Strey, 2015, p. 916). Também reforçam que, “com tal consciência da influência que os livros podem ter nas vivências diárias das crianças, cabe aprofundarmos a análise desses discursos ali veiculados” (Botton; Neves Strey, 2015, p. 916), enfatizando os livros como fonte de pesquisa para compreender como estes podem influenciar as crianças que consomem a literatura infantil.

Produzidos por adultos, os livros destinados à infância podem aparecer como uma das ferramentas de transmissão das normas esperadas para que as crianças sigam. A literatura infantil “conquista a atenção das crianças, mas não deixa de repassar normas e práticas de mundo em que elas, embora o desconheçam em parte, esforçam-se para se sentirem incluídas e serem integradas pelos adultos, suas figuras de inspiração” (Botton; Neves Strey, 2015, p. 916). Exemplo disso pode ser encontrado na pesquisa realizada por Nathalia Gabriel (2018), que buscou ouvir as crianças de diferentes maneiras a respeito das histórias que lhes foram contadas (como contos de fadas e livros que se subvertem em dicotomia de gênero). Os resultados da pesquisa mostraram que os papéis esperados dos príncipes pelas crianças são de “protegerem a princesa”, “fazer guerras”, “comandar o reino”, enquanto o das princesas são de obediência e educação (Gabriel, 2018, p. 58).

As histórias não são vazias de significados e simbologias; muitas delas carregam em seus enredos o que é esperado socialmente e é assim, de maneira sutil, que as histórias, ao serem contadas, ensinam comportamentos, hábitos e reforçam os padrões de gênero.

Na pesquisa que realizamos, em acordo com nosso referencial teórico, utilizamos os livros como fonte para compreendermos como o gênero está presente na literatura infantil. Para tal, buscamos livros destinados à infância disponíveis na rede municipal de

Guarulhos/SP em bibliotecas da educação, Centros de Incentivo à Leitura e Centros Municipais de Incentivo à Leitura, que juntos somam 17 unidades, atribuídos à Secretária da Educação do município. É possível consultar o acervo desses espaços de maneira digital no site da própria prefeitura³, o que possibilitou a identificação de obras que abordam gênero e dialogam sobre temas que proporcionam estratégias para inserir a temática.

O município em questão esteve em uma polêmica pelo recolhimento de livros de um projeto para a distribuição de literaturas infantis nas escolas, que tinha como objetivo o incentivo à leitura em conjunto com a família (Gabriel, 2018, p. 11). A justificativa para a retirada dos livros se dava através do discurso de que “discutir gênero na escola iria ferir o que as crianças devem entender como homem e mulher, o que devem conhecer sobre a família tradicional” (Gabriel, 2018, p. 11). Apesar dessa polêmica, com a utilização de um discurso de proteção à família para justificar a censura de livros, a pesquisa identificou histórias disponibilizadas pelo município que se contrapõem a esses discursos e que abordam questões relacionadas a gênero.

Após o levantamento dos livros e leitura das histórias, identificamos nove livros presentes nos acervos dos espaços pesquisados que atuam na inserção da desconstrução dos estereótipos e temáticas relacionadas a gênero: “Tudo bem ser diferente” (Parr, 2002), “O menino Nito: então homem chora, ou não?” (Rosa, 2006), “Menina não entra” (Andrade, 2007), “O que os meninos fazem? O que as meninas fazem?” (Brenman, 2008), “Por que meninos têm pés grandes e meninas têm pés pequenos?” (Branco, 2010) e “A princesa que salvava príncipes” (Souza, 2010), são obras que tratam da diversidade, igualdade de gênero e na ruptura de estereótipos. Já os livros “Ceci tem pipi?” (Lenain, 2004), “Os beijinhos da Ceci” (Lenain, 2010) e “Meus dois pais” (Carrasco, 2010), são voltados para sexualidade e relações homoparentais. Observamos que eles possibilitam o diálogo sobre liberdade, sobre as infinitas possibilidades que tanto os meninos quanto as meninas têm de experimentar a infância, longe das ordens sociais dicotômicas de gênero.

Percebemos também que as temáticas presentes nos livros tratam de diversidade e da ruptura aos padrões sociais além de desmistificar e tirar do silenciamento as manifestações da sexualidade infantil, assim como tiram da invisibilidade diferentes arranjos familiares, que escapam do modelo heteronormativo. Os livros de literatura infantil encontrados e

³ Disponível em: <https://portaleducacao.guarulhos.sp.gov.br/siseduc/portal/site/listar/categoria/177/>. Acesso em: 11 set. 2025.

selecionados para análise no estudo que conduzimos podem representar potentes estratégias para levar adultos e crianças a dialogarem sobre a temática de gênero, sobre a diversidade, as diferenças, o respeito, os direitos e a liberdade de viver para além das amarras sociais de gênero e preconceitos sexuais, mesmo com os desafios dos movimentos conservadores que se contrapõem a inserção do tema desde a pequena infância e da censura aos livros destinados a esse público que se subvertem às normas dicotômicas do que é ser menino ou menina.

4 O LIVRO E A PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

As pesquisas que temos conduzido no âmbito da História da Educação se ancoram em trabalhos realizados na perspectiva da produção de uma história que tem por objetivo “identificar o modo como, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (Chartier, 2002a, p. 16-17). Esse trabalho de identificação passa pelo reconhecimento de uma tensão entre “de um lado, as capacidades inventivas dos indivíduos ou das comunidades e, de outro, as restrições e as convenções que limitam — com mais ou menos força segundo as posições que ocupam nas relações de dominação — o que lhes é possível pensar, dizer e fazer” (Chartier, 2014, p. 30).

Operando sobre os conceitos de prática, representação e apropriação, Chartier contribuiu para a emersão de uma “nova” História Cultural, amplamente utilizada como referência para as pesquisas em História da Educação no Brasil, desde a década de 1980 (Warde; Oliveira, 2022). O que esses conceitos possibilitam ao historiador se refere à compreensão de como são produzidas e interpretadas as configurações intelectuais, a identidade social e as formas institucionalizadas e objetivadas que constroem, significam e perpetuam a realidade e a existência dos grupos, das classes ou das comunidades (Chartier, 2002a).

Foge aos limites deste texto a apresentação mais precisa do que caracteriza essa “nova” História Cultural e qualquer tentativa neste sentido incorreria numa explicação por demais simplória. Cabe, entretanto, a síntese, feita em oposição à história serial, que a descreve como uma pesquisa “centrada mais nas práticas do que nas distribuições, mais nas produções de significações do que nas repartições de objectos” (Chartier, 2002a, p. 77). Entende-se aí que no seu trabalho o historiador cultural deverá se voltar aos modos como foram construídas as representações sobre a realidade e de que maneira elas significam as

práticas dos indivíduos do grupo estudado em diferentes contextos e épocas (Leme da Silva; Valente, 2009).

Sob essa perspectiva, ao nos debruçarmos sobre as fontes, buscamos nos aproximar de interpretações e leituras possíveis daqueles documentos e ideias, tidas como referência para a área da Educação, pelas personagens que investigamos, ou por uma “comunidade” — no geral, nos voltamos para os professores e formadores — de determinado período. Desde o início fica explícito que as nossas análises não podem se limitar aos discursos oficiais e autorizados presentes em normativas, nos manuais pedagógicos e nos livros didáticos, pois nos sujeitaria a “superestimar modelos e projetos e a construir, no mesmo lance, a cultura escolar como um isolamento, contra o qual as restrições e as contradições do mundo exterior viriam a se chocar” (Julia, 2001, p. 12). Se isso é verdade, de que modo os livros entrariam em nossas análises? Como, através deles, poderíamos “reconstruir” o passado?

Longe de impossibilitar o nosso trabalho, essa dificuldade se constitui apenas como mais um ponto a ser considerado nas análises. De fato, a redução, tanto de um lado como do outro, dos documentos tomados como fontes leva, por consequência, a limitações nas conclusões que poderiam ser feitas. Assim, é preciso colocar as fontes lado a lado e buscar compreender, conforme os objetivos da pesquisa, como foram produzidas as representações e ideais presentes nos livros didáticos e manuais pedagógicos, e de que maneira estas foram apropriadas e refletiram-se nas práticas dos professores.

Nesta direção, vejamos dois usos que fazemos do livro em nossas pesquisas. O primeiro, e talvez o mais “natural”, se refere à análise dos manuais pedagógicos e dos livros didáticos de um determinado período, em busca da caracterização dos conteúdos disciplinares, objetivos pedagógicos e de que modo eles eram apresentados, ou por quais meios deveriam ser atingidos. Essa análise é realizada no âmbito da História das Disciplinas Escolares (HDE), que tem por objetivo investigar as disciplinas escolares, sua constituição e funcionamento ao longo do tempo e espaços escolares (Oruê, 2022), e opera por meio daquilo que Chervel chamou de “vulgata” (1990).

Segundo este autor, em cada época existe uma regularidade na organização dos manuais pedagógicos e livros didáticos e nos conceitos apresentados, a terminologia, os capítulos e até mesmo os exemplos utilizados por estes livros; cabendo ao historiador “a descrição e a análise dessa vulgata” (Chervel, 1990, p. 203). Contribui ainda para este trabalho a constatação do comportamento das variações que a vulgata sofre, alternando entre

períodos de estabilidade dos “métodos” e períodos transitórios, ou de crise, em que novas maneiras de pensar e organizar o ensino são propostas e ganham espaço até que um novo modelo — “mais audacioso, ou mais sistemático, ou mais simples do que os outros” (ibid., p. 204) — se imponha e constitua a nova vulgata.

No entanto, se por um lado a pesquisa dos conteúdos das disciplinas escolares por meio dos livros didáticos e manuais pedagógicos privilegia-se de uma abundância de documentos e de meandros mais uniformes e organizados, por outro ela pouco tem a ver, em muitos casos, com as práticas dos professores, principalmente quando lidamos com diferentes níveis de abrangência — nacional, estadual, local. É com isto em mente que surge uma nova necessidade para as pesquisas em História da Educação: a investigação do funcionamento interno da escola (Julia, 2001).

Apesar desse tipo de trabalho se valer mormente dos registros das aulas — cadernos, provas e trabalhos escolares, listas de presença, planejamentos etc. —, em busca da reconstituição direta das práticas escolares; na ausência destes, toda e qualquer fonte, como os programas escolares, as revistas pedagógicas e os jornais, no geral, e os livros de um/a professor/a, por exemplo, em específico — estes guardados normalmente em arquivos pessoais — pode ser utilizada para uma reconstituição indireta das práticas e para compreendê-las. Como o objetivo deste presente texto se inscreve nos usos do livro nas pesquisas em Educação, nos limitaremos a tratar dele.

Olhar os livros com essa intenção, põe-nos desde logo dois problemas centrais: a presença de um livro no acervo de um/a professor/a, ainda mais tendo em conta a variedade deles num grupo letrado e as dúvidas quanto à sua conservação — se os livros que encontramos no presente são representativos de todos aqueles adquiridos ao longo de uma vida, e que, por algum motivo, se perdeu — não nos garante que este foi lido e qual o significado que o leitor atribuía a ele; o outro problema segue na mesma linha e nos interpela sobre como um determinado livro poderia influenciar nas práticas de um/a professor/a e de que modo poderíamos reconstruir esta leitura sem nos limitarmos a algumas poucas hipóteses e conclusões mais gerais.

A superação de um destes desafios geralmente faz-nos cair no outro, refletindo a dificuldade deste trabalho. Contraditoriamente, para ultrapassar estes problemas devemos nos apoiar sobre outras fontes que nos digam mais sobre a personagem que investigamos ou o período em que ela está inserida, buscando, por meio de um trabalho positivo ou negativo,

confirmar ou desafiar formulações sobre o mesmo objeto de pesquisa. Essa solução bastante previsível suscita facilmente críticas diversas acerca do uso feito das fontes disponíveis — no geral escassas — e das interpretações dos trabalhos sobre o mesmo tema para se chegar a uma conclusão, mais ou menos, definitiva⁴.

Não resta ao historiador, entretanto, outra opção à convivência com este óbice no seu trabalho, longe disso: é condição necessária para ele. A busca incansável por novas fontes, e/ou novas interpretações para aquelas já conhecidas, a sua disponibilização para a consulta por pares, a exegese de textos, os mais diversos quanto possível, utilizados em análises diacrônicas e sincrônicas⁵, a análise e a crítica advinda de outros grupos de pesquisadores são partes integrantes do ofício daquele que faz a “leitura das diferentes temporalidades que fazem que o presente seja o que é, herança e ruptura, invenção e inércia ao mesmo tempo” (Chartier, 2009, p. 68).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentar os usos dos livros como fonte nas pesquisas de uma área tão ampla como é a Educação, que se vale de referências dos mais diversos campos de investigação, é um empreendimento interminável, uma vez que, assim como dissemos anteriormente, a forma de conduzir uma pesquisa varia de acordo com o objeto estudado e os objetivos perseguidos — que além daqueles já consagrados, que sofrem pequenas alterações, sempre se renovam para abarcar as mudanças que ocorrem na sociedade em que está inserida. Por isso, neste texto, nos limitamos a falar dos projetos que temos conduzido e de que maneira os referenciais utilizados apontam para possíveis usos dos livros como fonte de análise.

Durante este trabalho de revisão da bibliografia de referência e dos procedimentos metodológicos que guiaram/guiam nossos projetos, percebemos a riqueza e o valor das fontes escolhidas para a realização das investigações numa pesquisa: se por um lado é impossível levar em consideração, apropriadamente, todos os elementos que influenciam no fenômeno

⁴ Exemplo disto é o trabalho feito por Carlo Ginzburg no livro *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*: ao mesmo tempo em que foi bem recebido por uma parcela dos historiadores e é amplamente reconhecido pelo uso feito das fontes para chegar a uma hipótese geral da sociedade europeia pré-industrial (Chartier, 2002a); também sofreu diversas críticas e questionamentos, pelos mesmos motivos, pela inconsistência e falta de rigor das suas análises e na sua apresentação no livro (LaCapra, 2015).

⁵ De acordo com Schorske (*apud* Chartier, 2002a), a análise diacrônica refere-se ao estabelecimento de uma relação entre uma produção, ou um sistema de pensamento, com as manifestações anteriores no mesmo domínio cultural (literatura, política, ciência etc.). Já a análise sincrônica diz respeito à determinação da relação que o conteúdo do objeto intelectual tem com as produções contemporâneas de outros domínios culturais.

educativo num único projeto — e aqui nos referimos tanto a projetos individuais, quanto coletivos — por outro, tendo alinhado a metodologia e a forma de análise dos dados, praticamente qualquer elemento que esteja — ou deveria/poderia estar — junto ou presente no objeto a ser investigado, pode ser utilizado como fonte para chegar ao objetivo pretendido.

Destacando os livros, mostramos como eles foram/são utilizados para a compreensão de valores construídos e normas engendradas socialmente sobre gênero, a partir de suas representações na literatura infantil. Representações estas que incidem na construção de identidades pelas crianças. Sendo, dessa forma, premente a apresentação de livros que mostrem o “outro” e as diferentes maneiras de viver a sexualidade, às crianças. O que já vem sendo alertado há décadas, e que reforçamos na pesquisa que conduzimos, dando ênfase na possibilidade de inserção destas leituras nas aulas, já que os livros elencados em nossas análises fazem parte do acervo da rede municipal de educação.

No que se refere às pesquisas em História da Educação, tentamos demonstrar as possibilidades dos livros como fonte para reconstruir, direta ou indiretamente, as práticas de professores de épocas passadas. Por meio das análises conduzidas sob referenciais da HDE, pode-se compreender quais os conteúdos de aprendizagem são priorizados em determinados períodos e quais “métodos” são utilizados para a abordagem do tema. E, através de investigações realizadas sob a luz da cultura escolar, podemos “adentrar” no cotidiano escolar e ensaiar possíveis representações, práticas e apropriações feitas por professores/as durante uma determinada vaga pedagógica, por meio da triangulação entre os documentos presentes num arquivo pessoal — dentre eles, os livros —, registros de aula — por exemplo, cadernos, provas e trabalhos escolares — e outras pesquisas sobre o período estudado.

Enfim, percebe-se que o livro tem o seu lugar reservado dentre as fontes preliminares a serem consideradas na elaboração de um projeto de pesquisa em Educação para alcançar os objetivos pretendidos. De forma equivalente, também se constata que é preciso uma delimitação bastante clara dos elementos constituintes da investigação a ser realizada para não incutir em conclusões apressadas e simplórias, que pouco têm a acrescentar à compreensão do fenômeno estudado.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, T. G. S. **Menina não entra**. Ilustrações: PESTILI, E. São Paulo: Editora do Brasil, 2007.

ANDRÉ, M. Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 113, p. 51-64, jul. 2001. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/599>. Acesso em: 29 jun. 2024.

ARRUDA, J. C.; FINCO, D. Fake News e os Desafios do Trabalho Docente Frente às Questões de gênero e sexualidade na creche. In: IX CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2023, João Pessoa. **Anais [...]**. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/97437>. Acesso em: 12 set. 2025.

BRANCO, S. **Por que meninos têm pés grandes e meninas têm pés pequenos?**. Ilustrações: ELMA. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

BENTO, M. A. S. (org.). **Educação infantil, igualdade racial e diversidade**: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, 2012.

BORBA, S.; VALDEMARIN, V. T. A construção teórica do real: uma questão para a produção do conhecimento em educação. **Currículo sem Fronteiras**, v. 10, n. 2, p. 23-37, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol10iss2articles/borba-valdemarin.htm>. Acesso em: 29 jun. 2024.

BOTTON, A.; NEVES STREY, M. O gendramento da infância através dos livros infantis: possíveis consequências em meninos e meninas. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 33, n. 3, p. 915-932, set./dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2015v33n3p915>. Acesso em: 29 jun. 2024.

BRENMAN, I. **O que os meninos fazem? O que as meninas fazem?**. Ilustrações: LIMA, G. Barueri, SP: Callis, 2008.

CARRASCO, W. **Meus dois pais**. Ilustrações: MATSUSAKI, A. São Paulo: Moderna, 2010.

CHARTIER, R. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador - conversações com Jean Lebrun. Trad. MORAES, R. C. C. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Editora UNESP, 1998.

CHARTIER, R. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Trad. GALHARDO, M. G. 2. ed. Oeiras, Portugal: DIFEL - Difusão Editorial, 2002a.

CHARTIER, R. **Os desafios da escrita**. Trad. MORETTO, F. São Paulo: Editora UNESP, 2002b.

CHARTIER, R. **A história ou a leitura do tempo**. Trad. ANTUNES, C. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CHARTIER, R. A “nova” História Cultural. In: GARNICA, A. V. M. (org.). **Pesquisa em História da Educação Matemática no Brasil**: sob o signo da pluralidade. São Paulo: Livraria da Física, 2014, p. 19-36.

CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. Trad. LOURO, G. L. **Teoria & Educação**, n. 2, p. 177-229, 1990.

DIONÍSIO, A. P.; MUNAKATA, K.; RAZZINI, M. P. G. Simpósio 6 - O livro didático e a formação de professores. In: MARFAN, M. A. (org.). **Congresso Brasileiro de Qualidade na Educação**: formação de professores - Simpósios. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2002, p. 89-102. Disponível em: https://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=17065. Acesso em: 6 jul. 2024.

EL FAR, A.; HIKIJI, R. S. G. Entrevista com Alan Sokal. Entre a paródia e a denúncia: trajetos de dois físicos nos bosques das humanidades. **Revista de Antropologia**, v. 41, n. 1, p. 215-233, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ra/a/kTRHZCmDYr4pygLxwSL7VJD/?lang=pt>. Acesso em: 12 set. 2025.

FINCO, D.; SEVESO, G. Estereótipos de gênero e sexismo linguístico presentes nos livros no contexto educativo para crianças. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 20, n. 37, p. 206-220, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/1980-4512.2018v20n37p206>. Acesso em: 29 jun. 2024.

GABRIEL, N. C. **Literatura infantil sobre príncipes e princesas e a educação da infância**: gênero sob a ótica das crianças. 2018. 104 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/52727>. Acesso em: 17 set. 2025.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. Trad. AMOROSO, M. B. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. Trad. SOUZA, G. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 1, n. 1, p. 9-43, jan./jun. 2001. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38749>. Acesso em: 29 jun. 2024.

LACAPRA, D. O queijo e os vermes: o cosmo de um historiador do século XX. Trad. SAMMER, R.; DUARTE, J. **Topoi (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 30, p. 293-312, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2237-101X016030011>. Acesso em: 7 mai. 2024.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LEME DA SILVA, M. C.; VALENTE, W. R. **Na oficina do historiador da educação matemática**: cadernos de alunos como fontes de pesquisa. Belém, PA: Sociedade Brasileira de História da Matemática, 2009. (Coleção História da Matemática para Professores; 19). Disponível em: <https://www.crephimat.com.br/livrosdeminicursos>. Acesso em: 22 mai. 2024.

LENAIN, T. **Ceci tem pipi?**. Ilustrações: DURAND, D. Trad. JAHN, H. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2004.

LENAIN, T. **Os beijinhos da Ceci**. Ilustrações: DURAND, D. Trad. JAHN, H. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010.

ORUÊ, G. R. V. História das disciplinas escolares e suas contribuições para a história da educação matemática. **ACERVO - Boletim do Centro de Documentação do GHEMAT-SP**, São Paulo, v. 4, p. 1-24, 2022. Disponível em: <https://ojs.ghemat-brasil.com.br/index.php/ACERVO/article/view/61>. Acesso em: 23 mai. 2024.

PARR, T. **Tudo bem ser diferente**. Ilustrações: PARR, T. São Paulo: Panda Books, 2002.

PESCE, L.; BARSOTTINI, C. **Tipos de pesquisa científica e instrumentos**. Material didático elaborado para o curso de Especialização em Prevenção ao uso indevido de drogas. UNIFESP - UAB, mimeo, 2012.

ROSA, S. **O menino Nito: então homem chora, ou não?**. Ilustrações: TAVARES, V. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 29 jun. 2024.

SOUZA, C. **A princesa que salvava príncipes**. Ilustrações: AMMIRATI, C. Barueri, SP: Callis, 2010.

WARDE, M. J.; OLIVEIRA, F. R. (org.). **História da educação**: sujeitos, objetos e práticas. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, 2022. (Coleção PPGE; 6). Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/66026>. Acesso em: 17 set. 2025.

XAVIER FILHA, C. Gênero, corpo e sexualidade nos livros para a infância. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 30, Edição Especial n. 1, p. 153-169, mai. 2014. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/36546/22543>. Acesso em: 4 jun. 2024.